

# A INCOMPLETUDE QUE NOS MOVE: A ARTICULAÇÃO ENTRE LITERATURA, LINGUAGEM E PSICANÁLISE

## *THE INCOMPLETENESS THAT MOVES AHEAD: THE ARTICULATION BETWEEN LITERATURE, LANGUAGE AND PSYCHOANALYSIS*

José Luiz Cordeiro Dias Tavares<sup>1</sup>

Elizabeth da Penha Cardoso<sup>2</sup>

**Resumo:** Na escrita aqui elaborada, exploramos as articulações entre literatura, psicanálise e linguagem. Abordamos a importância atribuída por Freud aos grandes autores da literatura e suas obras no desenvolvimento da psicanálise e tratamos da articulação entre linguagem e psicanálise. Para tanto, nos valemos das publicações freudianas que abordam a evolução do entendimento acerca da relação dos processos de linguagem com o funcionamento do aparelho psíquico. Para complementar nossa proposta, resgatamos alguns textos e proposições de Lacan e Saussure acerca da linguagem.

**Palavras-chave:** Literatura. Linguagem. Psicanálise. Freud. Lacan.

**Abstract:** In the writing elaborated here, we explore the articulations between literature, psychoanalysis and language. We address the importance attributed by Freud to the great authors of literature and their works in the development of psychoanalysis and deal with the articulation between language and psychoanalysis. To this end, we make use of Freudian publications that address the evolution of understanding about the relationship of language processes with the functioning of the psychic apparatus. To complement our proposal, we rescue some texts and propositions of Lacan and Saussure about language.

**Keywords:** Literature. Language. Psychoanalysis. Freud. Lacan.

### Introdução

Na primeira página de *A interpretação dos sonhos* lemos: “*Flectere si nequeo superos, acheronta movebo*”, traduzida como “Se não posso dobrar os poderes celestiais, agitarei o inferno” (FREUD, 2020, p. 14). Trata-se de uma referência de Freud a Virgílio, em seu poema *Eneida*, uma verdadeira ode à literatura exatamente no momento inaugural da psicanálise. Referências literárias sempre foram muito valiosas para Freud. O mito de Édipo, por exemplo, foi resgatado por ele e constitui o melhor representante dessa articulação entre literatura e psicanálise. Ressalta-se aqui que na articulação entre literatura e psicanálise há que se ter o cuidado de evitar a redução daquela sob a influência desta. Ou seja, é importante estar atento para que a presença da psicanálise nessa interdisciplinaridade não leve o leitor ou o crítico à tentação de convidar o autor e suas personagens para o divã. Trata-se aqui de um saber cujo

---

<sup>1</sup> Doutorado (Universidade Federal do Estado de São Paulo) e Pós-Doutorado (Imperial College, UK) em Medicina. Psicanalista (CEP, SP); Docente no curso de formação em psicanálise (CEP, SP) e Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae (SP). Mestrado em Literatura (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). E-mail: jltavares2016@gmail.com

<sup>2</sup> Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP (doutorado e mestrado). Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP. Doutorado pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP. Mestrado em Comunicação pela ECA-USP e graduação em Jornalismo pela UNESP. E-mail: elizabethpenhacardoso@gmail.com

papel é enriquecer a aproximação da obra feita pelo outro saber. Destacamos, ainda, a importância do cuidado de não relegar à obra literária o papel de modelo fechado para construir ou confirmar teorias relativas à psique. Tal atitude deve ser evitada, pois se o mundo interno da psique é uma obra aberta, a literatura também assim se concebe.

Quanto à linguagem, há uma certa tensão que é inerente à sua existência. Linguagem é acesso e, ao mesmo tempo, enigma. Ela é acesso à medida que por ela o sujeito entra no mundo simbólico instaurando-se a alteridade indispensável no processo de constituição subjetiva. A linguagem se faz presente desde o momento inaugural de nossa existência quando pelo choro gritamos ao mundo, expressando nosso desamparo que, para ser mitigado, requer a intervenção de um outro que nos acolhe, nomeia nossa dor, nos sacia e alivia nosso mal-estar. A linguagem faz a mediação de nós mesmos com o mundo e nos seduz com a perspectiva – ilusória – de darmos a ele um sentido completo e inequívoco. Porém, neste processo, nos tornamos irreversivelmente assujeitados a ela. Recorrendo à mitologia, Proteus – em sua condição divina – gozava do dom da profecia além da versatilidade de assumir qualquer forma que desejasse (GUERBER, 1994). Sob a égide de Proteus, a linguagem é proteiforme. Marcada por metáforas e metonímias, a linguagem é duvidosa e nos assombra com infinitos sentidos possíveis. Banhada pela polissemia das palavras, a linguagem é traiçoeira. A linguagem nos autoriza a formular enunciados que estão ali a ocultar enunciações subjacentes que alicerçam uma subjetividade para a qual contribuem componentes simbólicos diversos, potencialmente instáveis. Linguagem, portanto, é também enigma. Na psicanálise se passa o mesmo. É do enigma que ela se ocupa. Nesse sentido abordaremos então o percurso das publicações psicanalíticas que articularam a dinâmica dos processos de linguagem com o funcionamento do aparelho psíquico. O teórico da psicanálise tomado aqui como referência é Freud. Vamos recorrer inicialmente a ele ainda neurologista, intrigado com suas observações acerca das afasias e dedicado a desenvolver um projeto que fornecesse um substrato científico anatômico-histológico-fisiológico para a psicologia. Alcançaremos então o momento de entrada no século XX no qual Freud inaugura a psicanálise. De sua publicação seminal *A interpretação dos sonhos*, resgataremos principalmente os trechos nos quais se observa a relevância da linguagem na estruturação do pensar psicanalítico. A partir de 1900 resgataremos as principais publicações freudianas subsequentes que tratam dessa mesma questão, uma preocupação presente em Freud até o final de sua vida. Entretanto, ao tecer considerações sobre o tema da linguagem na psicanálise, qualquer abordagem estaria incompleta se algumas proposições lacanianas não

fossem mencionadas, mesmo sem pretender apresentar digressões abrangentes sobre a obra desse autor. Nesse sentido, torna-se indispensável recorrer a algumas noções básicas postuladas por Saussure, ainda que o texto aqui elaborado não seja uma produção da área de linguística.

### **1 O poema sabe mais que o poeta**

A experiência da interdisciplinaridade requer buscar pontos de convergência entre os saberes envolvidos. No que tange à literatura, as áreas possíveis de intersecção são diversas como história, sociologia, filosofia, linguística e, em especial, no que se refere ao nosso interesse neste trabalho, a psicanálise. O que se espera nesse cenário de urdiduras é tramar um equilíbrio entre as obras literárias e o outro saber, almejando confluências que, férteis, ofereçam olhares ainda mais amplos sobre a matéria em estudo (PASSOS, 1995).

No caso da convergência entre a psicanálise e o literário, há que se ter o cuidado de não a reduzir a um simples objeto a serviço de justificativas teóricas, ainda que se reconheça a influência da cultura no percurso de construção deste outro saber em tela, a psicanálise. Nesse caminho, há que se ter cuidado com dois pontos importantes a evitar: a psicobiografia que, ao propor paralelos entre a atividade literária, biografia e motivações inconscientes, pode desenhar trilhas redutoras e, também, a psicocrítica, que pode atribuir importância excessiva do biográfico no literário em vez de considerá-lo como apenas um dos elementos de leitura da obra, dentre outros (PASSOS, 1995). Ainda no que tange a essa interdisciplinaridade, a psicanálise ocupa um lugar indireto e valioso. Indireto por tratar-se de um outro saber, baseado em sua própria teoria e prática e valioso por poder se constituir como um dos componentes da obra em análise. Por tais características, incluí-la na abordagem de uma obra pode ser algo essencial no sentido de lançar luz sobre determinados aspectos que não seriam acentuados por outras formas de abordagem. Entretanto, ainda que a psicanálise possa ocupar esse lugar valioso no literário, não deve deslocá-lo para uma cena secundária, diz Passos (1995).

“O poema sabe mais que o poeta”, diz Bellemin-Noël (1983, p. 13). Para ele, a literatura é algo diferente do corpo embalsamado de ideias já feitas, constituindo um discurso particular e desequilibrado sobre a realidade. É aí que está a maravilha da literatura, diz ele. Nesse sentido, assim como o psíquico não se constitui um bloco unitário de superposições e repartições de competências, a escritura de grandes obras também não encerra uma mensagem de sentido único e evidente. As palavras cotidianas, quando reunidas de uma certa maneira, podem sugerir algo imprevisível e desconhecido. Se admitimos que o sentido excede o texto,

devemos supor que em alguma parte há uma falta de consciência. Assim, o fato literário traz consigo algo do não consciente. Como a psicanálise propõe a existência do Inconsciente, há um convite para aproximar esses dois saberes (BELLEMIN-NOËL, 1983).

O conjunto das obras literárias apresenta um ponto de vista sobre a realidade do homem, incluindo-se aqui o meio onde ele vive assim como a maneira como ele capta esse meio e as relações que mantém com ele. Se essa proposição fizer sentido podemos então supor que tal conjunto pode ser considerado como uma série de discursos, além de uma perspectiva sobre o mundo que concebe os textos e a cultura como um *continuum* sem interrupções. Trata-se de algo que pode estar em analogia com a psicanálise, pois esta traz um conjunto de conceitos que reconstróem o psiquismo e, também, modelos de decifração. Na mesma publicação, mais adiante, o autor vai provocativamente nos trazer: “O que é que eu leio quando leio? O que um escritor lê quando escreve? A resposta é a mesma: lemos primeiro a nós mesmos, seja qual for a obra literária, quer a produzamos, quer a consumamos.” (BELLEMIN-NOËL, 1983, p. 34).

## **2 O que não se sabe, no labirinto do peito vaga pela noite**

Freud (2016a), em sua autobiografia publicada em 1925, diz que o que o moveu à carreira médica foi uma ânsia de saber dirigida às questões humanas e que a arte da leitura influenciou de forma duradoura na direção de seus interesses. Para ele, a decisão pela medicina decorreu de seu interesse por Darwin e do impacto ao assistir a uma apresentação do ensaio de Goethe sobre a natureza. Em *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*, Freud (2015b) afirma que escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar, em alusão ao Hamlet shakespeariano. Freud complementa afirmando que os escritores estão adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não se tornaram acessíveis à ciência.

Próximo do final de sua vida, em 1930, Freud recebeu o prêmio Goethe. Em seu discurso, lido na cerimônia pela filha Anna, que o representou, Freud interroga-se como Goethe se sentiria caso seu olhar se dirigisse à psicanálise e sugere que ele não a teria repudiado, pois o próprio Goethe se aproximou da psicanálise ao construir perspectivas que ela posteriormente viria a atestar. Como exemplo, Freud cita a força das primeiras ligações afetivas das crianças que Goethe comenta em *Fausto* com palavras que poderiam ser ditas em

sessões de psicanálise quando nesse romance-poema são identificados trechos sobre as formas hesitantes que um dia nublarão nossa visão e que agora retornam com o primeiro amor. Em outro trecho, ainda em referência a Goethe, Freud identifica alusões à vida onírica quando o romancista diz que o que não é sabido pelos homens, no labirinto do peito vaga pela noite (FREUD, 2016d).

No que se refere à articulação entre literatura e psicanálise, em especial no que tange à importância da ficção no percurso teórico da psicanálise, vale resgatar o *Manuscrito N*, anexado a uma carta a Fliess, em maio de 1897, na qual Freud escreve: “O mecanismo da ficção é idêntico ao das fantasias histéricas [...] Portanto, Shakespeare estava certo ao justapor ficção e loucura.” (MASSON, 1986, p. 252). Poucos meses após, em outra carta para o mesmo destinatário, datada de setembro de 1897, ele escreve: “Não acredito mais em minha neurótica.” (p. 265). Esse é um momento fundamental para a história da psicanálise ao trazer à reflexão a questão posta sobre realidade factual e realidade psíquica não apenas quanto à eventual e aparente dissonância entre elas, mas também quanto à autorização de um lugar para ambas no discurso do paciente. Nessa carta, de 1897, ele está questionando o papel da sedução factual e passa a enfatizar a dimensão ficcional do aparelho psíquico. O que ele dizia era não acreditar *literalmente* no que afirmavam suas pacientes acerca da sedução real. Ele não desconsiderava o relato, mas passava a levar em conta que tais enunciados de alguma maneira poderiam estar sendo plasmados por seus fantasmas. Ou seja, os cuidados efetivamente recebidos na infância eram transfigurados pelos fantasmas do sujeito em carícias eróticas e em experiências efetivas e reais de sedução. É nesse sentido que Freud estabelece em *A interpretação dos sonhos* a diferença entre realidade psíquica e realidade factual. Os fantasmas seriam a incorporação dos desejos cujos registros seriam, por sua vez, fundantes da realidade psíquica, ou seja, a realidade psíquica seria então de ordem sexual e atravessada pelo desejo.

A reconfiguração desse aspecto da psicopatologia freudiana comunicada a Fliess em 1897 nos remete a algumas observações acerca da articulação entre o texto literário e a fantasia psíquica, ou seja, os desejos recalcados. Em *A interpretação dos sonhos*, Freud nos diz que o texto da tragédia de Édipo Rei comove tanto uma plateia moderna quanto fazia com a plateia grega da época. Para ele, essa ocorrência talvez não estivesse no contraste entre o destino e a vontade humana, mas sim deve ser procurado na natureza específica do material no qual esse contraste está contextualizado. Refere-se Freud ao fato de dirigirmos nosso primeiro impulso sexual para a figura materna e nosso primeiro ódio para a figura paterna e

acrescenta, ainda, que nossos sonhos nos convencem de que é exatamente isso o que ocorre (FREUD, 2020). Com base na articulação que fazemos com nossas figuras de referência constitutivas, a história de Édipo estaria a apontar para a realização de nossos próprios desejos infantis. Contudo, mais afortunados que Laio, conseguimos nos desprender desses impulsos sexuais e desse ódio assassino, diz ele (FREUD, 2020). Conclui Freud que, na poesia daquele texto dramático, está alguém que realiza nossos desejos primevos dos quais recuamos pelo recalque. Desta forma, o poeta nos remeteria à nossa própria alma secreta onde esses mesmos impulsos, suprimidos, ainda podem ser encontrados. Portanto, a poesia, da mesma forma que o sonho, poderia expressar uma forma de elaboração secundária de uma fantasia relacionada aos desejos infantis recalcados que são satisfeitos ao entrarmos em contato com o texto poético, permitindo supor que a literatura possa ser uma das maneiras de expressão das fantasias psíquicas.

Na leitura dos casos clínicos apresentados em *Estudos sobre a histeria* encontramos narrativas de pacientes que poderiam ter sido extraídas da literatura de Flaubert, da mesma forma que a descrição do sujeito melancólico em *Luto e melancolia* poderia vir de Goethe em seu romance sobre o jovem Werther. Os conceitos contidos em *Introdução ao narcisismo* serviriam muito bem para a composição da personagem principal em *Morte em Veneza*, de Thomas Mann. Indo adiante, *O caso Schreber* foi escrito por Freud tendo como referência um texto literário, a saber, *Memórias de um doente dos nervos*. Nessa mesma perspectiva, ao construir *Totem e tabu*, Freud buscou apoio na teoria evolucionista de Darwin, na concepção do totemismo de George Frazer, na tese do banquete totêmico e da substituição da horda pelo clã de William Smith, na ideia do fim do sistema patriarcal pela revolta dos filhos de James Atkinson e, também, nas considerações sobre o horror ao incesto de Edward Westermack (FUKS, 2011). Hamlet é citado por Freud em vários textos como *O inquietante*, *O Moisés de Michelangelo*, *Luto e melancolia*, *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen* e também em *A interpretação dos sonhos*. Em *Dostoievski e o parricídio*, Freud é explícito no que se refere à relação entre literatura, teatro, mitologia e psicanálise quando diz que dificilmente pode-se atribuir ao acaso que três das obras-primas da literatura de todos os tempos tratem do parricídio e da rivalidade sexual por uma mulher, a saber: *Édipo Rei*, *Hamlet* e *Os Irmãos Karamazov*.

Ao entrar em contato com os afetos da psique humana, seus paradoxos e inquietudes, a arte estabelece seu vínculo com a psicanálise que, no início de seu percurso, buscou a catarse como abordagem terapêutica. No início do século XX, ao publicar, em 1908, *O escritor e a*

*fantasia*, Freud (2015c) abre o texto dizendo que sempre foi motivo de curiosidade saber de onde os poetas extraem seus temas que tanto nos comovem e pergunta se deveríamos procurar os primeiros sinais da atividade poética nas crianças para quem a atividade que mais lhes agrada é o brincar. Ao brincarem, as crianças se comportam como poetas, criando seu próprio mundo, com uma nova ordem que lhes agrada. Para isto, uma grande quantidade de afeto é mobilizada. Freud diz que o poeta faz algo semelhante à criança que brinca, ao criar um mundo de fantasia para o qual mobiliza grande carga de afeto, também se distinguindo da realidade e conclui dizendo que é a linguagem que mantém essa afinidade entre brincadeira infantil e criação poética. Ao crescer, a brincadeira vai sendo substituída pela fantasia, por castelos no ar que são construídos e por sonhos diurnos. Freud conclui dizendo que se a comparação da criação artística com o sonho diurno for valiosa, deve conduzir à observação que uma forte vivência atual deveria despertar no poeta a lembrança de uma vivência antiga infantil da qual partiria o desejo a ser realizado na criação literária na qual se reconhecem tanto os elementos recentes como as antigas recordações. Assim, as lembranças infantis do poeta derivam da pressuposição que a criação literária, como o sonho diurno, são uma continuação das brincadeiras infantis.

Se concordarmos com essa proposição, devemos aceitar que o texto literário não se limita a um trabalho meramente intelectual à procura das melhores rimas ou métricas. Trata-se de uma produção que traz uma marca pulsional expressando algo que, de outra forma, poderia seguir recalcado. A sintaxe que constrói o texto literário também se alimenta de um outro léxico, tributário do Inconsciente e que se registra com a linguagem dos afetos. Assim, literatura e psicanálise são atos criativos que buscam, pela fantasia, dar voz ao indizível e são exercícios de desaprendizado para aprender o que ilusoriamente se espera ser possível de ser capturado. No discurso dos pacientes na sala de análise, assim como nos fragmentos dos autores literários, residem preciosidades que, ao buscarem expressão, encontram seu caminho construindo superposições de imagens condensadas, metáforas, ou então seguem elegendo alegorias pelas quais deslizam, como metonímias numa rota sem um fim previsível. Somos submetidos às leis da linguagem e o enunciado do discurso difere da enunciação que produz o enunciado. O enunciado refere-se a uma sequência limitada de palavras ditas pelo enunciador e é produto de uma enunciação que é o local de onde o sujeito pode surgir. Assim, nos parágrafos literários e nos discursos dos pacientes estão as enunciações latentes que sustentam os enunciados manifestos tanto dos autores que escrevem seus textos como dos que narram o texto de seu sofrimento na sala de análise (TAVARES, 2019).

Em *Palavra e verdade*, Garcia-Roza (1990) comenta que, na Grécia Antiga, as palavras faziam parte do mundo das coisas e dos acontecimentos. Era a voz e também o gesto, signos mundanos e sagrados que remetiam o indivíduo ao tempo dos começos e ao mundo dos deuses e dos heróis. As palavras valiam não apenas pelo seu conteúdo manifesto, mas também como signo a ser decifrado para fazer emergir um outro sentido até então oculto e, portanto, misterioso, em um processo interminável de decifrações. Era a palavra do aedo, a palavra portadora da verdade, a *alethéia*. Muitos séculos após, a psicanálise se defronta com o mesmo desafio acerca da verdade. Aqui, porém, o que se está a buscar é a *alethéia* do sujeito, isto é, a verdade do seu desejo que nunca vem pronta, mas, sim, dissimulada, distorcida, como um enigma a ser decifrado, pois a verdade, direta, jamais é dada e a certeza é míope (GARCIA-ROZA, 1990). Trata-se de uma perspectiva que se articula com a argumentação de Barthes (2019) ao anunciar que a literatura se propõe a representar algo que não é representável, é apenas demonstrável: o real, em alusão à proposição da Lacan para quem o Real é o impossível, não pode ser alcançado e escapa ao discurso. E é porque buscamos representá-lo pelas palavras que a literatura existe e insiste, diz ele. Assim, as palavras da linguagem não garantem o acesso direto ou imediato à verdade, pois estão situadas no registro da insuficiência e do equívoco. O mesmo se dá com a psicanálise, na qual o sujeito se revela nos tropeços do discurso, quando as falhas surgem, o desejo irrompe e o sujeito emerge. Assim como a literatura, a psicanálise tem algo a ser decifrado, pois tem a linguagem como operadora. Em seus lapsos estão as palavras que dizem mais do que anunciam e é da linguagem que nos aproximamos nas seções a seguir.

### **3 Em 1891, um aparelho de linguagem**

Em 1891 Freud (2013) publicou *Sobre a concepção das afasias* no qual propõe a ideia de um aparelho central da linguagem. Para esse desenvolvimento, ele recorreu à observação clínica de pacientes, investigando os distúrbios de linguagem. A palavra é a unidade funcional da linguagem, uma representação complexa com um composto de elementos, a saber, acústicos, visuais e cinestésicos. A representação da palavra é constituída por quatro elementos: “a imagem do som, a imagem visual das letras, a imagem de movimento da fala e a imagem de movimento da escrita” (p. 97). Assim, à palavra corresponde um intrincado processo associativo para o qual concorrem os elementos de origem visual, acústica e cinestésica. Entretanto, a palavra alcança seu significado a partir da conexão com a representação de objeto que é, também, um conjunto associativo composto por diferentes

representações visuais, acústicas, táteis, cinestésicas etc. (FREUD, 2013). Tais associações não constituem, por si mesmas, uma *representação de objeto* nem são consideradas uma representação icônica de um objeto externo: “elas formam, apenas, a matéria-prima nesse processo” (GARCIA-ROZA, 2014). Para Freud, associações de objeto agrupam-se formando uma representação-objeto a partir de sua ligação com a representação-palavra. Assim, o objeto ganha unidade e identidade e a representação-palavra adquire significação. Ou seja, “o termo representação-objeto não designa o referente ou a coisa, mas sim, na sua relação com a representação-palavra, designa o significado” (p. 245).

#### **4 Em 1895, o projeto de um aparelho neurônico**

Na correspondência entre Freud e Fliess<sup>3</sup> pode-se observar o neurologista ao longo do caminho de elaboração de um *Projeto para uma psicologia científica*, iniciado em 1895. Trata-se de um texto denso, com um forte assentamento na neurofisiologia, em consonância com a formação profissional do autor. É um texto valioso porque, de modo peculiar, Freud busca elucidar os fenômenos psíquicos com seu conhecimento tributário da medicina, inovando proposições sobre a dinâmica do aparelho psíquico de tal forma que “[...] um imenso número de ideias médicas obscuras e antiquíssimas adquiriria vida e valor”, diz ele, em uma carta a Fliess, em janeiro de 1896 (MASSON, 1986, p. 163). Não iremos aqui explorar todas as postulações apresentados no *Projeto* pois não é nosso objetivo. Vamos nos limitar aos trechos que consideramos indispensáveis quanto à articulação do aparelho psíquico com a linguagem.

##### **4.1 Quantidade, qualidade e a articulação com a memória**

Na Parte I do *Projeto*, Freud (1975) concebe o aparelho psíquico a partir de dois teoremas. O primeiro refere-se a um olhar quantitativo baseado em observações na histeria e nas obsessões, nas quais há ideias excessivamente intensas apontando para a concepção quantitativa (*Q*) da excitação neuronal. Freud propõe que os neurônios buscam se desfazer de *Q* em mecanismos musculares através das vias correspondentes ficando, então, livres de *Q*. Trata-se do princípio da inércia caracterizando a principal função do sistema nervoso apontando para um movimento reflexo como forma de efetuar essa descarga. O segundo teorema refere-se à teoria neuronal no qual Freud assinalava que o sistema nervoso possui

---

<sup>3</sup> Neste trabalho utilizamos como referência *A correspondência completa de Sigmund Freud a Wilhelm Fliess 1887-1904* publicada em 1986 pela Editora Imago sob a edição de Jeffrey Masson, ex-Diretor de Projetos dos Arquivos Sigmund Freud.

neurônios homogêneos na estrutura, porém com diferenças funcionais na recepção e na descarga de estímulos. A combinação desses dois teoremas constitui a noção do “um neurônio catexizado como uma estrutura cheia de determinada quantidade denominada  $Q$ , mas que, em algumas circunstâncias, pode estar vazia.” (FREUD, 1975, p. 29).

Freud considera que, para ser considerada, uma teoria psicológica deve apresentar uma explicação para a memória propondo, para isso, a teoria das barreiras de contato entre neurônios. Para ele, deve haver duas classes de neurônios. Há os permeáveis que permitem a passagem de  $Q$  como se não houvesse barreiras de contato, nada retendo e sendo destinados à percepção. São neurônios perceptivos e, depois de cada passagem de excitação, permanecem no mesmo estado anterior. A outra classe são os impermeáveis. Dotados de resistência, são retentores de  $Q$  de tal forma que suas barreiras de contato só permitem a passagem da excitação com dificuldade ou parcialmente. Após cada passagem de  $Q$ , podem ficar num estado diferente, permanentemente alterados pela passagem da excitação, fornecendo assim uma perspectiva para representação da memória (FREUD, 1975). Neurônios impermeáveis são portadores da memória – neurônios mnêmicos – e, provavelmente, também, portadores dos processos psíquicos. O estado das barreiras de contato é designado como grau de facilitação e pode-se dizer que a memória estaria representada pelas facilitações entre neurônios. Trata-se aqui dos conceitos de quantidade e qualidade. Se os graus de facilitação fossem os mesmos, não seria possível explicar por que uma via de condução teria preferência sobre a outra. Freud (1975) nos diz que a memória seria representada por diferenças de facilitação entre neurônios e dependeria de um fator que poderia ser qualificado como a magnitude da  $Q$  que passa pelo neurônio, além de depender da frequência com que o processo se repete. Nesse referencial neurofisiológico, a memória seria a perspectiva de o estímulo percorrer mais de uma vez as mesmas vias facilitadas.

#### **4.2 Pouco falta para inventar a linguagem**

Na parte final do *Projeto*, Freud (1975) aborda mais nitidamente a questão da linguagem no contexto do modelo neurônico do aparelho psíquico. Nesse momento, Freud destaca a importância das associações verbais como ocorrências envolvendo neurônios utilizados pelas representações sonoras que se encontram associadas a imagens verbais motoras. Tais associações têm a característica de serem limitadas e exclusivas. A excitação segue da imagem-sonora para a imagem-verbal e, desta, para a descarga. Portanto, se das imagens mnêmicas surgem correntes que se articulam com as imagens sonoras e com as

imagens-verbais, a catexia dessas imagens mnêmicas estará acompanhada por informações de descarga constituindo uma indicação de qualidade, um signo de descarga verbal, além da indicação que a lembrança é consciente. Trata-se aqui da estrutura do pensamento consciente, observador, diz ele.

“Pouco falta agora para inventar a linguagem”, diz Freud (1975, p. 111). Há outros objetos que emitem certos sons constantemente. Ele está se referindo aqui a objetos em cujo complexo perceptivo o som desempenha um papel e, por conta da tendência à imitação, é possível que seja encontrada a informação de movimento que possa corresponder à imagem sonora. Assim, tais lembranças podem tornar-se conscientes também. Freud afirma então ter comprovado que o processo cognitivo de pensamento se caracteriza pelo fato de que a atenção se encontra, desde o início, orientada para as descargas do pensamento e para a fala.

### **5 Em 1900, a inauguração do século e da psicanálise**

A leitura do prefácio da primeira edição de *A interpretação dos sonhos* é bastante elucidativa acerca das inquietudes de Freud (2020) naquele momento quando ele diz que acredita “não haver ultrapassado o âmbito dos interesses neuropatológicos” (FREUD, 2020, p. 15). Em realidade, pelas frestas dessa afirmativa negativa emanavam proposições que alargavam seu olhar. Ele se lançava no abismo do Inconsciente (Ics) que estava sendo proposto por ele naquele instante. Nessa obra, Freud amplia seus enunciados acerca do aparelho psíquico e apresenta articulações com determinadas operações de linguagem, como veremos. *A interpretação dos sonhos* foi publicada em 1900 a pedido do próprio Freud, embora o manuscrito tivesse sido concluído desde o final do ano anterior (GARCIA-ROZA, 2009) por talvez considerar que suas proposições ali apresentadas fossem tão impactantes e promissoras quanto o novo século que se iniciava. O impacto se fazia principalmente no que tange à apresentação de uma concepção do aparelho psíquico mais voltada para um modo de funcionamento do que para a identificação e localização de diferentes regiões anatômicas. Esse livro, diz ele em 1931, no prefácio à terceira edição inglesa, “contém [...] a mais valiosa das descobertas que tive a sorte de fazer. Um *insight* como esse nos é dado apenas uma vez na vida” (FREUD, 2020, p. 23), em referência à proposição revolucionária sobre a existência de um Inconsciente como sendo uma instância psíquica sem um *locus* anatômico definido.

Em *A interpretação dos sonhos*, Freud (2020) considera o aparelho psíquico composto por instâncias sem a necessidade de uma ordenação espacial, mas, sim, temporal no que se refere ao trânsito da excitação no aparelho, ou seja, haveria uma *direção* de trânsito em seu

funcionamento. “Nossa atividade psíquica parte de estímulos internos ou externos e termina em inervações” (FREUD, 2020, p. 587). Trata-se de um modelo da atividade psíquica baseada em um aparelho reflexo. Porém, das percepções que nos chegam permanece um traço – mnêmico – em nosso aparelho psíquico. A função aqui articulada é a memória (FREUD, 2020)

Um dos pilares fundamentais da psicanálise é a existência do Inconsciente (Ics) como uma instância psíquica, com conteúdo e mecanismos próprios, onde residem pulsões específicas cujos representantes estão fixados em fantasias concebidas como manifestações do desejo. O Ics passa a interferir significativamente no existir psíquico e questiona o homem em seu papel central na natureza, construído com base num modelo cognitivo de controle racional de si mesmo e do seu redor. A existência do Ics acarretou o descentramento do homem e confrontou o modelo científico vigente. Sua proposição soou revolucionária ao desacomodar o *modus operandi* da perspectiva racionalista que estruturava o homem do século XIX. Ao falar do Ics, Freud expunha o conflito entre os sistemas Pré-Consciente/Consciente e Inconsciente no qual atuam as pulsões do Ics, obscuras para o homem na virada do século, herdeiro de Descartes, refém da consciência – escravo da razão – e que passou a ser ameaçado por não mais poder aspirar deter o controle do seu existir. A força motriz do sonho está no Ics. Interpretar um sonho é explorar seu sentido substituindo-o por algo equivalente às nossas ações psíquicas, ou seja, buscar sentido para o material onírico, algo não imediatamente compreensível, pois há uma censura que o deforma. Há que se retirar o disfarce do material onírico produzido pelo trabalho do sonho que indica a presença de “poderes obscuros das profundezas da psique conforme o Diabo no sonho da sonata de Tartini<sup>4</sup>” (FREUD, 2020, p. 667).

### 5.1 Sonho e sintaxe

“O sonho [...] não é despido de sentido, não é absurdo, não pressupõe que uma parte de nosso acervo de representações esteja dormindo, enquanto outra parte começa a despertar. Trata-se de um fenômeno psíquico de pleno valor, é a realização de um desejo”. Essa citação pertence ao parágrafo inicial do Capítulo III de *A interpretação dos sonhos* intitulado: “O sonho é a realização de um desejo” (FREUD, 2020, p. 155). Seguem-se então alguns questionamentos feitos por Freud (2020) sobre a origem da forma estranha e notável, como

---

<sup>4</sup> Trata-se aqui ao violonista e compositor Giuseppe Tartini que viveu no século XVII e sonhou que vendia a alma ao Diabo que, por sua vez, tocava uma sonata belíssima. Ao acordar, Tartini tentou reproduzir o que havia ouvido no sonho. Não conseguiu, mas criou sua peça mais famosa que intitulou de *Trinado do Diabo*.

ele diz, na qual se expressa essa realização de desejo, a origem do material que foi transformado em sonho, as alterações que ocorreram nos pensamentos oníricos até que deles tenha surgido o sonho manifesto recordado ao despertar, as vias que foram percorridas nessas alterações e até mesmo interrogações sobre a origem das peculiaridades que são observadas no sonho como, por exemplo, o fato de poderem ser contraditórios. São inquietudes expostas nesse momento inicial. Talvez o sentido de um determinado sonho não seja o mesmo em cada sonho, acrescenta ele.

Com base nessas considerações, Freud então interroga sobre possíveis motivos que levam o sonho a não revelar diretamente seu significado. Com essa questão ele introduz sua proposição acerca da deformação onírica. Quando a realização de desejos não é imediatamente reconhecida, ou seja, está disfarçada, deve haver uma tendência ao surgimento de alguma forma de defesa contra esse desejo. Assim, devido a essa defesa, o desejo só consegue se expressar como deformação. Em alusão ao que se observa na vida social, Freud faz aqui uma inusitada articulação entre a deformação psíquica e a dissimulação nas relações interpessoais. Diz ele que a cortesia que se pratica todos os dias é, em boa parte, uma dissimulação e que, de modo análogo, na interpretação dos sonhos, a deformação se faz necessária. Novamente exaltando a literatura, Freud recorre a Goethe, dizendo que o poeta também se queixa de ser forçado a tal deformação, pois “O melhor que és capaz de saber, não podes contar aos meninos”, referindo-se a um trecho de *Fausto*, parte I, cena 4 (FREUD, 2020, p. 176).

O sonho é, essencialmente, o trabalho que nele se opera, tema ampla e generosamente desenvolvido por Freud em um texto que se estende por quase duzentos e cinquenta páginas que compõem o Capítulo VI de *A interpretação dos sonhos* das quais recolheremos os trechos mais significativos no que tange à articulação entre linguagem e psicanálise. Aqui se incluem a condensação, o deslocamento, a figurabilidade ou representabilidade e a elaboração secundária. São efeitos da censura e, ao mesmo tempo, recursos para escapar dela. Freud considera que o sonho é uma forma especial de nosso pensamento, possibilitada pelo sono e é o trabalho do sonho, no qual se verificam operações de linguagem, que permitem explicar sua peculiaridade.

Em “O trabalho dos sonhos”, o Capítulo VI de *A interpretação dos sonhos*, Freud (2020) aborda a importância dos conteúdos manifesto e latente dos sonhos, denominados por ele como conteúdo onírico e pensamento onírico, respectivamente. As operações que constituem o trabalho do sonho fazem com que os pensamentos latentes sejam transformados

em um produto manifesto. São duas versões de um mesmo material, como duas linguagens diferentes. O conteúdo manifesto dos sonhos aparece como uma transposição de pensamentos latentes oníricos para outra forma de expressão com signos e regras sintáticas próprias que devem ser conhecidas pela comparação do original com a tradução. Os elementos do sonho são tributários da sintaxe do Inconsciente, não pertencem ao sistema Pré-Consciente/Consciente e só surgem a partir de um trabalho de estruturação (GARCIA-ROZA, 2009). Assim, os pensamentos oníricos, latentes, tornam-se compreensíveis à medida que deles se tem conhecimento em uma operação que se vale da linguagem. Para Freud, o sonho manifesto é como uma pictografia cujos signos devem ser transpostos para a linguagem dos pensamentos oníricos latentes. Entretanto, seria um equívoco ler esses signos como imagens e, não, como relação semiótica.

Freud ressalta aqui que as tentativas para resolver os problemas do sonho no que tange à sua interpretação baseavam-se em seu conteúdo manifesto, resultado da memória. Entretanto, para a psicanálise, um novo material psíquico se insere entre o conteúdo manifesto do sonho e nossa observação. Trata-se do conteúdo latente do sonho e é com base nele que se desenvolve a solução do sonho. A tarefa então é pesquisar as relações entre o manifesto e o latente no sonho e examinar quais seriam os processos que levaram à transformação deste naquele, ou seja, como se executa o trabalho do sonho (FREUD, 2020). O sonho narrado traz a deformação necessária para proteger o sonhador das inquietudes dos desejos que povoam seu Inconsciente. Se os sonhos são a via régia para o Inconsciente, como ele considerava, justifica-se aqui o valor da interpretação desde que esta seja proveniente do próprio sonhador, pois ele é quem tem sua própria sintaxe psíquica a sustentar a singularidade de sua experiência.

## **5.2 As condensações em Irma e os deslocamentos em Safo**

Quanto ao trabalho do sonho, iniciamos com a condensação que é o processo em que uma representação única decorre de várias cadeias associativas, podendo também ocorrer nos chistes, lapsos e esquecimentos de palavras. Em relação ao volume e à riqueza dos pensamentos oníricos, considera-se que “o sonho é conciso, pobre e lacônico. O sonho narrado é apenas um resíduo do trabalho do sonho. O registro do sonho ocupa meia página; a análise, que contém os pensamentos oníricos, exige um espaço muito maior” (FREUD, 2020, p. 319). Os elementos do sonho são determinados várias vezes pelos pensamentos oníricos e, também, cada pensamento onírico é representado por vários elementos. Pela via da

associação, um elemento do sonho se articula com vários outros. Os pensamentos oníricos são, em conjunto, submetidos a uma certa elaboração, de tal forma que os elementos com maior e melhor sustentação se destacam para entrar no conteúdo do sonho. Assim, os elementos do sonho são provenientes de toda a massa de pensamentos oníricos de tal forma que cada elemento parece ser multiplamente determinado em relação aos pensamentos oníricos (FREUD, 2020).

Freud (2020) refere-se aqui então a um próprio sonho seu com Irma, uma de suas pacientes. Ele mesmo interpreta seu sonho considerando que a principal figura é a própria Irma que aparece no sonho com os traços físicos que tem na vida real, ou seja, ela representa a si mesma. Porém, sua posição na cena o remete à lembrança de uma outra mulher que ele gostaria que ali estivesse. Além disso, como Irma, no sonho, apresenta uma placa diftérica na garganta, ele faz a associação com sua preocupação com sua filha mais velha que, por sua vez, ele associa por vínculo nominal com uma paciente que havia morrido por intoxicação. Ainda nesse sonho, Irma transforma seu caráter – sem transformar sua aparência física –, tornando-se uma das crianças que ele havia examinado em um hospital e ele atribui à sua própria filha pequena a intermediação dessa transição. Ainda no sonho, Irma se recusa a abrir a boca e ele associa essa imagem à de outra mulher que ele havia examinado e, também, à sua própria esposa. A Irma do sonho representa várias pessoas comprimidas pelo trabalho de condensação em apenas uma.

A seguir, Freud (2020) aborda o deslocamento que pode ocorrer em todas as formações do inconsciente além do sonho sendo que, neste, elementos mais importantes do conteúdo latente são representados por pormenores recentes ou antigos, sobre os quais já havia ocorrido um deslocamento na infância. Aqui, representações indiferentes, suscetíveis de se integrarem em contextos associativos muito afastados do conflito defensivo, são privilegiadas. O conteúdo essencial dos pensamentos oníricos não precisa necessariamente estar representado no sonho. Este pode ter sua linguagem ordenada em torno de outros elementos como eixo central. Freud remete aqui a um sonho narrado por um paciente seu em tratamento por claustrofobia e que, ao interpretá-lo, Freud associou ao romance *Safo* de Alphonse Daudet. Para Freud, trata-se de um sonho cujo centro está ao redor do subir e descer, estar em baixo ou estar em cima, uma alusão ao que ele entende como riscos das relações sexuais com pessoas pertencentes a classes sociais inferiores, em referência ao romance de Daudet que lhe ocorreu. Trata-se de um deslocamento, pois refere-se a uma representação destacada que adquiriu importância para a consciência. Pelo deslocamento, o

conteúdo do sonho não mais se parece com o núcleo dos pensamentos oníricos: “o sonho apenas reproduz uma deformação do desejo onírico no Inconsciente”. Em conjunto, deslocamento e condensação do sonho são “os dois mestres artesãos a cuja atividade podemos atribuir essencialmente a forma do sonho.” (FREUD, 2020, p. 350).

### **5.3 Palavra, representabilidade, associações e elaboração secundária**

Figurabilidade ou representabilidade é a condição à qual estão submetidos os pensamentos do sonho que sofrem seleção e transformação, tornando-os aptos a serem representados em imagens, sobretudo visuais. Em *A interpretação dos sonhos*, Freud (2020) aborda a representabilidade como sendo um outro tipo de deslocamento que se passa numa troca da expressão verbal do pensamento. Tanto no deslocamento inicialmente apresentado como nesse outro tipo, ele se dá ao longo de uma cadeia de associações e o resultado é que um elemento é substituído por outro, isto é, a troca de uma formulação verbal por outra. Assim, uma expressão abstrata do pensamento onírico é trocada por outra concreta e figurativa sendo, esta, representável para o sonho. Freud está aludindo à transformação verbal dos pensamentos. Para ele, há uma analogia entre a transformação verbal dos pensamentos e o trabalho do poeta ao fazer um poema em rimas já que o segundo verso rimado expressa o sentido que lhe cabe e busca a consonância com o primeiro. Assim, os jogos de palavras são aproveitados no trabalho do sonho e a palavra, como ponto de representações múltiplas é potencialmente ambígua. A troca de palavras inequívocas por uma ambígua resulta em equívocos. A substituição de uma expressão por outra, figurativa, dificulta a compreensão imediata pois o sonho nunca diz se os elementos apresentados devem ser interpretados no sentido literal ou figurado (FREUD, 2020).

Quanto à elaboração secundária do sonho, é necessária a escolha do material psíquico já formado nos pensamentos oníricos, construções já prontas (fantasias) equivalentes aos devaneios na vigília (FREUD, 2020). A elaboração secundária é a remodelação do sonho para ser narrado como uma história coerente e compreensível, preenchendo lacunas, remanejando elementos e realizando escolhas, fazendo acréscimos e incidindo em produtos elaborados pelos outros mecanismos. O sonho é o trabalho que nele se realiza. O que se interpreta não é o sonho sonhado, mas seu relato. Assim, a interpretação ocorre ao nível da linguagem e não das imagens narradas. O que se oferece à interpretação são enunciados a substituir por outros primitivos, ocultos, expressando o desejo do sonhador (GARCIA-ROZA, 2009; LAPLANCHE, 2001).

## 6 A partir de 1900, a sutil riqueza das falhas de linguagem

Para Freud, considerações acerca da linguagem sempre receberam cuidadosa atenção. Trata-se de uma área de interesse que o acompanhou desde seus textos iniciais, ainda pré-psicanalíticos quando, por exemplo, ele escreve sobre as afasias em 1891 e sobre a neurofisiologia substanciando os processos de funcionamento do aparelho psíquico no *Projeto* de 1895, já comentados. No que tange ao desenvolvimento da psicopatologia psicanalítica, como seria de se esperar, a relevância da palavra na operação psíquica se faz presente. Sua atenção para esse fato foi especialmente mobilizada, de modo emblemático, no episódio ocorrido com Anna O., cujo caso foi publicado em 1893. Tratava-se de uma paciente que Freud acompanhou quando ele estava interessado na hipnose como recurso terapêutico que se apoiava na palavra. Entretanto, em determinado momento do atendimento de Anna O., Freud percebe que “[...] mesmo na hipnose, nem sempre era fácil movê-la a se expressar, procedimento para o qual ela mesma havia inventado o nome de *talking cure* (cura pela fala) e o humorístico *chimney sweeping* (limpeza de chaminé)” (FREUD, 2016b, p. 53). A psicanálise surgiu a partir da sagacidade de Freud em suas observações clínicas e Anna O. lhe ensinou que a palavra poderia acarretar um efeito transformador no sofrimento psíquico ainda que, pela hipnose, os efeitos esperados por ele nem sempre fossem alcançados ou tampouco duradouros. Ao mover-se da hipnose para a técnica da associação livre como recurso terapêutico, Freud preservou o valor da palavra, confirmando a importância da linguagem no nascimento da psicanálise.

A partir de 1900, um novo e importante elemento – o Inconsciente freudiano – foi incluído no jogo das palavras que articulam a linguagem estabelecendo uma via de acesso ao que escapa dos enunciados da razão. Nos quase quarenta anos que se seguiram à publicação de *A interpretação dos sonhos*, muitos dos textos freudianos referem-se explicitamente a questões que abordam a palavra e a linguagem no contexto psíquico. Vamos revisitar alguns marcos desse trajeto iniciado logo após a publicação de *A interpretação dos sonhos*, até o final de seu percurso. Em realidade, uma importante observação feita por Freud quanto aos atos de linguagem é um pouco anterior a 1900 e já está na carta enviada a Fliess em 26 de agosto de 1898 (MASSON, 1986). Refere-se ele ao modo como um nome às vezes escapa e em seu lugar surgem substitutos diversos. Trata-se aqui de um ato falho de linguagem. Um mês depois, em outra carta enviada ao mesmo destinatário ele comunica um exemplo, de sua própria clínica, acerca dos equívocos da linguagem: o esquecimento e a troca de nomes

envolvendo o nome de Signorelli, pintor de afrescos, cujas obras podiam ser visitadas em Orvieto e que Freud não consegue lembrar. A necessidade inconsciente de evitar o desprazer que seria promovido pela recordação de um episódio profissional que havia recém vivido, teria levado Freud a evitar associações de palavras que o conduzissem ao tema englobando morte e sexualidade despertado pelo conhecimento do suicídio de seu paciente (FREUD, 2018). Tal episódio foi posteriormente narrado em “O esquecimento de nomes próprios”, primeiro capítulo de *Psicopatologia da vida cotidiana*, publicado em 1901, apenas um ano após *A interpretação dos sonhos*.

Freud considerava que os atos falhos, assim como os sonhos, lhe permitiam ampliar para a vida psíquica normal as descobertas feitas no âmbito das neuroses. Para ele, certas insuficiências das atividades psíquicas assim como funções que parecem desprovidas de intenção revelam-se, quando investigadas psicanaliticamente, determinadas por motivos desconhecidos para a consciência. Aqui poderiam ser incluídos os atos falhos que têm uma motivação oculta que pode se tornar revelada com o recurso da psicanálise. Freud confirmava então sua proposição acerca do determinismo nos eventos psíquicos, isto é, pelo exame dos atos falhos seria possível descobrir os diversos determinantes psíquicos de cada um dos detalhes dos processos na psique, como descreve ele em *Psicopatologia da vida cotidiana* (FREUD, 2018).

Logo após, em 1905, Freud (2017) lança sua obra *O chiste e sua relação com o inconsciente*. Nesse texto, após discorrer sobre a técnica e as tendências do chiste, ele parte para explorar o mecanismo de prazer e a psicogênese do chiste, considerando como ponto de partida o conhecimento das fontes de onde brota e como brota o prazer que o chiste proporciona. Para ele, antes de todo chiste há algo que pode ser designado como um jogo ou gracejo. O jogo, ele diz, se verifica quando a criança aprende a usar palavras e juntar pensamentos, aqui considerado como o primeiro estágio do chiste. Surge então o segundo estágio do chiste: o gracejo que visa o ganho de prazer presente no estágio anterior e o silenciamento da objeção crítica (FREUD, 2017). A partir daí, ele aborda a questão do chiste como um processo social ressaltando que o trabalho do chiste não é disponível para todos, mas, sim, para os espirituosos que, assim, produzem um efeito de humor permitindo uma suspensão temporária do recalque.

Ainda sobre o chiste, Freud (2017) faz considerações importantes acerca de sua relação com o sonho e o Inconsciente. Ele está se referindo aqui aos processos de condensação, deslocamento, representação indireta, representação por absurdo e pelo oposto e

que mostram acentuada concordância com os processos de trabalho do sonho sugerindo, portanto, que há elementos comuns a ambos. Para ele, o chiste se destaca por conter a natureza de algo que nos ocorre involuntariamente, pois no momento anterior à sua manifestação não sabemos o que irá se passar. É como se na formação do chiste houvesse a emergência do Inconsciente, pois ele não está à disposição da nossa memória quando queremos. Às vezes, surge involuntariamente em determinados momentos do nosso curso de pensamento quando sua aparição se mostra incompreensível, apontando para sua origem como sendo no Inconsciente (FREUD, 2017).

A articulação entre linguagem e psicanálise é também abordada por Freud no texto *O sentido antitético das palavras*, publicado em 1910 em que ele resgata o trabalho do linguista Karl Abel, publicado em 1884, no qual se examinam certas características de línguas da antiguidade, como a egípcia, na qual se verificam estruturas peculiares, por exemplo, o sentido antitético de algumas palavras<sup>5</sup> (FREUD, 2016b). Com base nos estudos de Abel, Freud tece considerações sobre o trabalho do sonho no qual opostos podem ser expressos com um só meio de representação e sugere que essa tendência coincide com peculiaridades de línguas antigas. Reforçando a proposição, ele lembra que o trabalho do sonho frequentemente recorre à inversão de seu material figurativo – ou seja, imagens, não letras – com diferentes propósitos. Para ele, tais conexões confirmariam sua proposição sobre a expressão de pensamentos no sonho como decorrente de um trabalho regressivo, arcaico. Assim, se conhecêssemos mais a evolução da linguagem, entenderíamos e traduziríamos melhor a linguagem dos sonhos (FREUD, 2016b).

A tese freudiana acerca do interesse da psicanálise para a ciência da linguagem é desenvolvida em 1913, logo após o manuscrito que investigou o sentido antitético das palavras. Trata-se de um capítulo integrante da publicação *O interesse científico da*

---

<sup>5</sup> Abel comenta que na língua egípcia há um número considerável de palavras com dois sentidos, um em oposição ao outro como se, por exemplo, a palavra forte, em alemão, significasse - ao mesmo tempo - *forte* e *fraco*. Outro aspecto curioso do léxico egípcio refere-se ao fato de haver palavras nas quais dois vocábulos de significados opostos eram reunidos em uma mesma composição, porém prevalecia o significado de um desses dois componentes como, por exemplo, *velhojovem* ou *longeperto*, vocábulos reunindo dois componentes com contradições conceituais, mas que significavam apenas um deles, por exemplo, jovem ou perto, respectivamente. Freud então examina como esta questão se resolvia na comunicação, ou seja, como o egípcio primevo faria seu interlocutor entender qual dos componentes desses vocábulos híbridos estavam sendo comunicados. Na escrita, diz ele, isso se resolvia com símbolos determinativos que, colocados após os símbolos alfabéticos, indicavam o sentido a ser considerado. No que tange à língua falada, gestos eram usados para indicar o sentido desejado. Na evolução linguística essa ambiguidade desapareceu alcançando-se então o caráter unívoco do vocabulário moderno. Outra característica do idioma egípcio refere-se a palavras que podem inverter o som e o sentido. Por exemplo, diz Freud, se estivéssemos abordando o fenômeno no idioma alemão seria o caso de *gut* [bom] que poderia significar bom ou mau e, além disso, poderia soar tanto *gut* como *tug*, como inversões fonéticas (FREUD, 2016e, 302-312).

*psicanálise* no qual ele a aproxima da filosofia, biologia, história da civilização, estética, sociologia, além da articulação com a linguagem. Nesse texto, Freud (2015a) propõe ultrapassar o sentido usual da palavra solicitando que os estudiosos da linguagem se interessassem pelo tema. Ele sugere que, por linguagem, deve-se entender aqui não somente a expressão de pensamentos em palavras, mas que devem ser consideradas, também, a linguagem dos gestos e toda outra forma de manifestação da atividade psíquica, como a escrita. Prossegue ele lembrando que as interpretações feitas pela psicanálise são traduções de um modo de expressão inicialmente desconhecido em direção a um outro modo de expressão que seja familiar ao nosso pensamento.

Nesse texto sobre o interesse científico da psicanálise Freud elabora comentários sobre símbolos frequentemente utilizados na linguagem onírica que podem evidenciar semelhanças ou articulações com etapas mais antigas da evolução da linguagem. Para ele, se considerarmos que os meios de representação no sonho são principalmente imagens e não palavras, sua interpretação poderia se assemelhar à “decifração de uma velha escrita pictográfica como os hieróglifos egípcios” (FREUD, 2015a, p. 345). Em ambos os casos, alguns elementos estariam ali não para interpretação, mas para que outros elementos sejam compreendidos. Para ele, a polissemia dos elementos do sonho tem sua contrapartida nesses antigos sistemas de escrita.

Quinze anos separam as publicações *A interpretação dos sonhos* e *O inconsciente*. Nesta, Freud (2015d) retoma o conceito de representação e sua articulação com a palavra, tema que ele já havia abordado em 1891, em seu manuscrito sobre as afasias. Naquela ocasião, como comentamos, ele considerava a palavra como a unidade funcional da linguagem, uma representação complexa que se apresenta como um composto de elementos acústicos, visuais e cinestésicos. Assim, a representação da palavra seria constituída por elementos ou imagens: “do som, do visual das letras, do movimento da fala e do movimento da escrita” (FREUD, 2015d, p. 97). Em 1915, ele volta ao tema da representação, porém em articulação com as instâncias Inconsciente e Pré-Consciente/Consciente que ainda não haviam sido estabelecidas em 1891.

No último capítulo de *O inconsciente*, para abordar o tema da representação, ele o faz articulando com dados de uma paciente portadora de um quadro de esquizofrenia incipiente. A partir das verificações clínicas, Freud observa que as frases ininteligíveis da paciente contêm equivalentes das frases em linguagem compreensível e, ao mesmo tempo, esclarece a gênese da formação de palavras na esquizofrenia. Nessa condição clínica, prossegue ele, as

palavras são submetidas ao mesmo processo que forma as imagens oníricas a partir dos pensamentos oníricos latentes. Trata-se aqui do processo de condensação e deslocamento de investimentos entre imagens. Esse processo pode ir tão longe que uma única palavra assume a representação de toda uma cadeia de pensamentos, desde que se torne apta para isso mediante múltiplas relações estabelecidas (FREUD, 2015d). O que se mantém nesses casos é o investimento nas representações verbais dos objetos. Assim, o que poderia ser chamado de representação consciente de objeto deve ser decomposto em representação da palavra e representação da coisa, consistindo no investimento das imagens mnêmicas diretas das coisas ou de seus traços mnêmicos distantes, derivados das referidas imagens (FREUD, 2015d). Nesse sentido, ele considera que a representação consciente abrangeria a representação da coisa mais a da palavra correspondente, e a representação inconsciente seria apenas a representação da coisa.

Quinze anos após a publicação de *Psicopatologia da vida cotidiana*, em 1901, Freud (2015a) faz uma série de palestras para médicos e leigos nas temporadas de inverno de 1916 e 1917. Nessas *Conferências*, em 1916, ele aborda o tema dos atos falhos e fala sobre os lapsos de leitura, de audição e de memória assim como do extravio de objetos além de episódios de equívocos de caráter temporário sobre alguns assuntos. O aspecto mais importante desses episódios é que possuem um sentido e a repressão da intenção de dizer algo é condição imprescindível para a ocorrência do lapso. Atos falhos, conclui Freud, são soluções de compromisso nos quais a intenção ameaçada não é totalmente reprimida nem se consegue impor de modo incólume (FREUD, 2015a). Como demonstração de sua argumentação, Freud recorre à literatura. Diz ele nesse texto de 1916 que escritores podem recorrer a um lapso verbal ou ato falho como instrumento de expressão literária. Aqui, Freud entende que o ato falho – por exemplo o lapso verbal – traz um sentido, pois é produzido deliberadamente. Exemplificando, Freud recorre a Shakespeare em *O mercador de Veneza* e aponta para o lapso verbal de Pórcia. Proibida, por juramento feito, de revelar seu amor a Bassânio, Pórcia comunica seu sentimento através de um lapso verbal quando lhe diz “[...] Metade de mim é tua, a outra metade, tua; minha, quero dizer; mas, sendo minha, é também tua; e assim, toda tua.” A sensibilidade poética do bardo faz Pórcia cometer o ato falho. Com esse recurso, ela “logra tranquilizar tanto a insuportável incerteza do amante como a tensão do público” (FREUD, 2015a, p. 50-51).

Em 1925, Freud publica *Nota sobre o bloco mágico* propondo que a superfície que contém as anotações seria como uma porção do aparelho mnêmico invisível que pode ser

reproduzida à vontade, como uma recordação fixa, desde que se saiba onde ela está guardada. A partir daí ele amplia suas observações e apresenta duas situações: a) quando a superfície escolhida, por exemplo uma folha de papel, preserva indefinidamente o que ali foi escrito com tinta; b) quando a superfície é uma lousa na qual as anotações são feitas com giz. Na primeira situação, a escrita é um traço mnemônico duradouro e a capacidade de registro se mostra limitada quando a capacidade da superfície receptora se esgota, não havendo espaço para novas anotações e uma nova superfície se faz necessária. Na segunda situação, a capacidade da superfície se mantém por tempo ilimitado e as anotações podem ser apagadas sempre que se desejar, porém, nesse caso, não se pode ter um traço duradouro e novas anotações requerem que as já feitas sejam apagadas. Nosso aparelho psíquico é capaz de receber percepções novas de modo ilimitado e cria traços mnêmicos delas, duradouros, mas não imutáveis. Aqui, ele nos remete à publicação *A interpretação dos sonhos* quando apresentou a suposição de que tal capacidade do aparelho psíquico estaria articulada com dois sistemas. Há o Pré-Consciente/Consciente que acolhe percepções, mas não guarda traços duradouros delas, como uma folha em branco diante de cada nova percepção. Quanto aos traços duradouros das excitações recebidas, seriam produzidas nos sistemas mnêmicos (FREUD, 2016c).

Freud faz então uma analogia do funcionamento do bloco mágico com o do sistema perceptivo no aparelho psíquico. No bloco mágico, há uma pequena tábua de cera ou resina de cor marrom sobre a qual se dispõem duas folhas que podem ser separadas, uma da outra. A que está mais próxima da tábua de cera é um papel encerado, translúcido e a que está por cima deste é uma folha de celulóide na qual se pode escrever com algum objeto pontiagudo que não age diretamente na cera, mas, sim, através da folha de papel encerado. Onde o objeto toca, as ranhuras se tornam visíveis na superfície lisa da folha de celulóide. Para apagar o que foi escrito basta levantar ambas as folhas de cobertura da placa: o contato é desfeito e o bloco mágico fica novamente vazio, pronto para receber novas anotações. Se após escrevermos no bloco mágico separarmos a folha de celulóide do papel encerado podemos ver, neste, o que foi escrito no celulóide. Qual seria a necessidade da camada de celulóide no sistema? O papel encerado seria suficiente para registro, mas o celulóide tem função protetora para o papel encerado.

Nesse texto, Freud (2016c) articula essa observação com um conceito previamente proposto<sup>6</sup> no qual ele considera que nosso aparelho psíquico perceptual tem duas camadas: uma protetora externa que reduz a magnitude das excitações que chegam e outra que seria a

---

<sup>6</sup> Em *Além do princípio do prazer*, publicado em 1920.

superfície receptora dos estímulos propriamente ditos. Se ambas as folhas – papel encerado e celulóide – forem levantadas, a escrita desaparece e a superfície do sistema está pronta para receber novas anotações. O traço duradouro do que foi escrito permanece na tábua de cera e pode ser lido com iluminação apropriada. São dois sistemas, inter-relacionados, com um funcionamento análogo com o que se passa com a função perceptiva em nosso aparelho psíquico. Nesse sentido, a camada que recebe os estímulos – o Pré-consciente/Consciente – não forma traços duradouros e as bases da lembrança são produzidas em sistemas, adjacentes. A tábua de cera equivaleria ao Ics na psique e o aparecimento e desaparecimento da escrita seria equivalente “ao cintilar e esvanecer da consciência na percepção” (FREUD, 2016c, p. 273).

Na seção a seguir, abordaremos o propósito de nossa escrita à luz das proposições lacanianas. Não há registros de um encontro pessoal entre Lacan e Freud. O encontro de ambos foi no campo do discurso. Foi em um de seus últimos seminários realizados em Caracas que Lacan disse para os que lhe assistiam e que se consideravam lacanianos que, ele próprio, considerava ser um freudiano (COUTINHO-JORGE; FERREIRA, 2005). Lacan julgava que a psicanálise praticada nos anos 60, principalmente no meio norte-americano, estaria se aproximando de uma psicologia do sujeito, distanciando-se dos entendimentos freudianos que incluíam o Inconsciente e propõe então um retorno a Freud.

## **7 O Inconsciente estruturado como linguagem**

Dizem os historiadores de Lacan que uma ocasião, em um jantar, uma jovem matemática chamou sua atenção ao comentar sobre um certo tipo de nó que poderia ser observado nos braços de uma determinada família em Milão. Lacan teria se sentido instigado a explorar o tema até que encontrou, no nó borromeano, a figura que sustentava sua proposição acerca dos registros Real, Simbólico e Imaginário como constituintes do aparelho psíquico. Em consequência do entrelaçamento desses registros surge o sintoma na clínica. Para Lacan (1974), como apresentado no Seminário XXII, o Real é o que é estritamente impensável. O Inconsciente é o que se sustenta em alguma coisa que é por ele definida, estruturada como Simbólico, e é do equívoco fundamental para com essa alguma coisa que os analistas operam. O equívoco, segue ele, não é o sentido. O sentido é aquilo porque alguma coisa responde, é diferente do Simbólico e essa alguma coisa só é possível suportá-la a partir do Imaginário. Para ele, o Real não é a realidade e o Imaginário não é a imaginação. A realidade é constituída por uma trama simbólico-imaginária, ou seja, é tramada com palavras

e imagens e o Real é exatamente aquilo que não pode ser representado por palavras nem imagens, pois lhe falta representação psíquica.

A comunicação intersubjetiva se estabelece pela linguagem e seus signos linguísticos que compõem uma rede de significados enquanto o Imaginário é a forma pela qual o homem vê o mundo, de acordo com suas próprias concepções. O Simbólico é, portanto, a linguagem constituída por signos que utilizamos para tentar expressar esse Imaginário. Lacan considera que a linguagem, vale dizer, a cadeia simbólica, determina o homem antes mesmo de seu nascimento e após sua morte. Ao chegar ao mundo, o recém-nascido já está marcado por um discurso que o antecede, no qual estão presentes as fantasias de seus pais, a cultura de sua época, sua classe social, sua língua, por exemplo. Todos esses elementos podem ser nomeados como o campo do Outro, ou seja, o lugar onde se forma o sujeito, o que o torna, portanto, assujeitado ao discurso (COUTINHO-JORGE; FERREIRA, 2005).

Em setembro de 1953, Lacan (2017b) apresenta um relatório ao congresso de Roma, realizado no Instituto de Psicologia da Universidade de Roma: *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* também conhecido como *Discurso de Roma*, no qual ele aborda a importância da linguagem para a constituição do simbólico. Nesse sentido, ele propõe que se retome o texto freudiano em *A Interpretação dos sonhos* tanto para sublinhar que o sonho tem a estrutura de uma frase como, também, para nos atermos à sua letra. Para Lacan, Freud nos ensina a ler as intenções ostentatórias, demonstrativas, dissimuladoras, persuasivas ou até mesmo sedutoras com as quais o sujeito modula seu discurso onírico, pois é aí que está a expressão de um desejo (LACAN, 2017b). Lacan resgata o relato de Freud acerca de um sujeito que lhe diz ter sonhado com algo que não expressava a realização de um desejo. Freud, com sua sagacidade, argumenta que o verdadeiro desejo do sonhador era contradizê-lo e que, assim, o sonho havia realizado seu desejo. Assim, confirma-se que em nenhum outro lugar está mais claro que o desejo do homem encontra seu sentido no desejo do outro, não porque o outro detenha as chaves do objeto desejado, mas porque sua primeira perspectiva é ser reconhecido pelo outro, reforçando que esse é o campo onde se forma o sujeito (LACAN, 2017b).

Nesse mesmo *Discurso*, Lacan (2017b) introduz a proposição do sintoma estruturado como linguagem. “Todo ato falho é um discurso bem-sucedido” (LACAN, 2017b, p. 133). Ele antecipa aqui sua afirmação que o Inconsciente é estruturado como linguagem. Sob a perspectiva das associações livres, percorremos a “ramificação ascendente desta linhagem simbólica para aí referenciar, nos pontos onde as formas verbais se inter cruzam, os nós de sua

estrutura”, diz ele (LACAN, 2017b, p. 133). Se o sintoma pode ser resolvido numa análise de linguagem é por ser estruturado como linguagem, ratificando então a psicanálise como uma experiência baseada na palavra.

Três anos após o *Discurso*, Lacan (2009) vai afirmar em seu Seminário III sobre *As psicoses*, como comentado acima, ditado em fevereiro de 1956, que “o inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (LACAN, 2009, p. 171), o que não implica dizer que o Inconsciente é uma linguagem, mas, sim, que há uma analogia entre sua trama e aquela que a linguagem apresenta. No ano seguinte ao Seminário III, Lacan (2017a) publica em *Psychanalyse et sciences de l’homme* o texto *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, no qual aborda a questão da metáfora e da metonímia. Os conceitos de Ferdinand de Saussure foram fundamentais para as proposições lacanianas acerca da articulação entre linguagem e Inconsciente. Para o linguista e filósofo suíço que viveu na virada do século XIX para o século XX, os termos implicados no signo linguístico são ambos psíquicos e estão unidos em nosso cérebro por um vínculo de associação entre um conceito e uma imagem acústica que não é o som material, físico, mas, sim, a impressão psíquica desse som, uma representação que testemunha nossos sentidos. Quanto ao conceito, trata-se de algo geralmente mais abstrato. Saussure propõe então substituir conceito por significado e imagem acústica por significante e é a combinação de ambos que ele nomeia como signo. Como um só existe na presença do outro, Saussure os representa na forma de uma relação, conceito/imagem acústica ou significado/significante, circundados por uma elipse. De cada lado da elipse há uma seta apontando para direções opostas, para cima ou para baixo, indicando que a troca de lugares na relação é indiferente ao resultado: a significação (SAUSSURE, 1970).

Lacan (2017a) parte de Saussure e revisita seus conceitos considerando que o sujeito falante, refém da linguagem, ou seja, da função simbólica que traz o equívoco como emblema, é quem produz o signo linguístico. Lacan inverte as posições e coloca o significante (S) acima da barra e, o significado (s), abaixo. Além disso, ele elimina a elipse e as setas da fórmula saussuriana dissolvendo, portanto, a unidade dos componentes da formulação que implicava uma relação recíproca e circunscrita. Adicionalmente, ele torna a barra que separa significante e significado mais espessa, implicando uma maior resistência ao atingimento do significado (LACAN, 2017a). Na proposição lacianiana, o ser falante desliza de significante em significante sem necessariamente entender o significado do que fala. O atingimento do sentido do que se fala, ou seja, o atravessamento da barra, só se dá em determinados

momentos. Nessa proposição, o significado é alcançado às expensas das formações do Inconsciente, como os sintomas, chistes, atos falhos e, naturalmente, os sonhos (LONGO, 2006).

Como apontam Coutinho-Jorge e Ferreira (2005), o significante é a unidade mínima do simbólico, nunca aparece isolado, mas, sim, em articulação com outros significantes. O que produz a significação é a articulação entre significantes constituindo-se então uma cadeia de significantes sendo que a menor é a formada por um par. Desta forma, pode-se dizer que são necessários pelo menos dois significantes para que se alcance um sentido. Daí se origina o entendimento que um significante é o que representa um sujeito para outro significante. Portanto, o sujeito está sempre deslizando de um significante para outro e só pode ser representado no intervalo de dois significantes.

A primazia do significante que produz efeitos à revelia do sujeito é demonstrada por Lacan no seminário sobre *A carta roubada*, de Edgard Allan Poe. Trata-se aqui de uma trama ambientada em Paris que se estrutura ao redor de uma carta roubada dos aposentos reais cuja mensagem colocaria em risco a honra de uma personagem nobre que permanece incógnita até o final da narrativa. A carta circula entre as personagens. Todas, exceto a Rainha, o Ministro e talvez o detetive Dupin, contratado para esclarecer o caso, ignoram o significado da carta, mas nenhuma delas consegue escapar do deslocamento desse significante que é a carta roubada. Ao final do conto, a carta é achada e substituída por outra de conteúdo menos comprometedor. Em seu seminário sobre esse conto, Lacan (2017c) observa o processo da comunicação intersubjetiva quando o emissor de uma mensagem recebe do receptor sua própria mensagem, de forma invertida, levando-o à conclusão de que uma carta chega sempre ao seu destino.

Como afirma Lacan (2017a) em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, não há significação que se sustente senão pela remissão a outra significação. Ele conclui então que certamente fracassaremos enquanto mantivermos a ilusão de que o significante atende à função de representar o significado. Dito de outra forma, não seremos bem-sucedidos enquanto considerarmos que o significante tem que responder por sua existência a título de uma significação qualquer (LACAN, 2017a). Lacan está aqui articulando sua proposição acerca da relação entre significante e significado com a metonímia e a metáfora. Diz ele que por sua própria natureza o significante sempre antecipa o sentido permitindo-lhe afirmar que é na cadeia do significante que o sentido insiste. Entretanto nenhum dos elementos dessa cadeia consiste na significação. Para Lacan, a noção de um deslizamento incessante do significado sob o significante se faz necessária. Diz ele que o

significante só pode operar porque está presente no sujeito e é a isso que se responde quando se supõe que o significante passou para o plano do significado. O que essa estrutura de cadeia de significantes descobre é a possibilidade de servir-se dela “[...] para significar algo totalmente diferente do que ela diz.” Para ele, essa é uma função mais digna de ser ressaltada na fala (LACAN, 2017a, p. 235).

A função significante que se desenha na linguagem é a metonímia. Lacan recorre a um texto de Quintiliano no qual há referência a trinta velas ocultando a palavra barco tomando, portanto, seu sentido figurado: a parte tomada pelo todo. A conexão entre barco e vela está no significante e é na palavra por palavra dessa conexão que se apoia a metonímia (LACAN, 2017a). Quanto à metáfora, uma palavra por outra, é algo que irrompe entre dois significantes dos quais um substituiu o outro tomando-lhe o lugar na cadeia significante. Assim, o significante oculto permanece por conexão metonímica com o restante da cadeia situando-se no “ponto preciso em que o sentido se produz no sem-sentido.” (LACAN, 2017a, p. 238-239).

No que tange mais diretamente à instância da letra no Inconsciente, Lacan retorna à obra *A interpretação dos sonhos* destacando que o sonho é um enigma em imagens e que as imagens do sonho só devem ser consideradas pelo seu valor de significante. Portanto, por aquilo que elas permitem soletrar do que é apresentado pelo enigma do sonho considerando então que a estrutura de linguagem que possibilita a operação de leitura está na origem da significância do sonho. Para ele, a correlação entre o mecanismo de condensação no sonho e a superposição dos significantes conduzem à metáfora, apontando para a articulação entre esse mecanismo e a poesia. Quanto à metonímia, ele considera o deslocamento como uma virada da significação que a metonímia demonstra e que, desde Freud, se constitui como o meio mais eficaz de que dispõe o Inconsciente para driblar a censura (LACAN, 2017a).

Com base nessas proposições, Lacan interroga sobre o lugar que ocupamos como sujeito do significante. Não se trata de saber se quando falo de mim estou em conformidade com aquilo que sou, mas, se quando falo de mim, sou idêntico àquele de quem falo, diz ele de modo instigante. E acrescenta que não há aqui qualquer inconveniente em fazer intervir o termo pensamento nesse problema, pois Freud assim designa esse termo no que tange aos elementos que estão em jogo no inconsciente, isto é, nos mecanismos significantes que acabam de ser reconhecidos nele. Para ele, o cogito filosófico está no centro dessa ilusão que torna o homem moderno “tão seguro de ser ele mesmo em suas incertezas sobre si próprio, até mesmo através da desconfiança que aprendeu desde há muito a praticar em relação às armadilhas do amor-próprio” (LACAN, 2017a, p. 250).

Baseado nessas reflexões, Lacan desafia o entendimento cartesiano apresentado no *Discurso do método* e postula então: “penso onde não existo, portanto existo onde não penso.” (LACAN, 2017a, p. 250). Nesse sentido, a proposição acerca do cogito lacaniano sobre a subjetividade nos remete a *Otelo*, peça do bardo elisabetano na qual a personagem Iago, na primeira cena do primeiro ato diz: “Deus sabe que o dever, como o amor, não é para mim; finjo só para meus fins.” E continua Iago: “Quando o que eu faço revelar aos outros o aspecto e os atos do meu coração no exterior, hão de me ver em breve a carregar na mão o coração para dar aos pombos: não sou o que sou.” (SHAKESPEARE, 2011, p. 15). Iago alerta sobre a tensão entre verdade e ficção, algo que inquietou Freud precocemente em seu percurso teórico, levando-o a escrever para Fliess para confessar que não acreditava mais no discurso literal de suas pacientes neuróticas, como já comentamos. Freud iluminava a fantasia como elemento importante para construção de uma verdade subjetiva, não necessariamente estruturada com base na razão. A mensagem de Iago é contundente – não sou o que sou – e soa quase como uma denúncia do que a existência humana não pode escapar: a pulsão. Freud estava certo sobre a clarividência dos poetas. Shakespeare antecipou a psicanálise.

### **Comentários finais**

Em *A força da palavra*, Betty Milan (1996) entrevista Catherine Millot, psicanalista, autora de vários livros e, dentre eles, está *A vocação do escritor*. Milan inicia o relato da entrevista perguntando o que leva um escritor a escrever, viver solitariamente com suas próprias palavras e suportar o isolamento inerente a esse ofício. A propósito dessa observação, Millot comenta que o escritor vive uma experiência mística, algo enigmático que o sujeito procura decifrar escrevendo, como se fosse uma epifania. Em nossa escrita, buscamos explorar a aproximação entre literatura, linguagem e psicanálise. Escrever um texto é entrar em contato direto com a percepção da incompletude que insatisfaz, descontenta e que contraria alguma ilusão. Sempre haverá algo a mais a explorar no espaço da escrita literária. Da mesma forma, também sempre haverá algo que escapará, pois a linguagem sempre será insuficiente para dar conta das paixões. E assim deve permanecer. É desse sofrimento, provocado pela incompletude, que a literatura se nutre. Isto é algo que eu aprendi com Barthes. Trata-se de algo análogo ao terror frente à escuridão do desconhecido experimentado pelos analisandos na sala de análise. Dito de outra forma, trata-se do inevitável, inadiável, irrecusável encontro que temos diariamente com a castração, mesmo sabendo que não se trata aqui da interrupção de um fluxo, mas, sim, de um convite à exploração de outras soluções

possíveis para seguir vivendo. Isto é algo que eu aprendi com Freud. Concluindo, parafraseando Todorov (2020) em *A literatura em perigo*, sustentamos que a literatura e a psicanálise, muito podem fazer. Ambas nos estendem a mão quando precisamos, nos aproximam de outros seres humanos e nos permitem uma melhor interação com o mundo, ou seja, nos ajudam a viver. Tanto a literatura como a psicanálise podem nos transformar, a partir de dentro de nós mesmos. Em ambos os saberes está a palavra que, em sua fragilidade e insuficiência, sempre irá nos acompanhar.

## Referências

- BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2019.
- BELLEMIN-NOËL, J. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- COUTINHO-JORGE, M. A.; Ferreira, N. P. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos. *In*: FREUD, S. **Obras Completas** (vol. 4). São Paulo: Companhia das Letras, 2020. [Trabalho original publicado em 1900].
- FREUD, S. Autobiografia. *In*: FREUD, S. **Obras Completas** (vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras, 2016a [Trabalho original publicado em 1925].
- FREUD, S. Conferências introdutórias à psicanálise [1916-1917] *In*: FREUD, S. **Obras Completas** (vol. 13). São Paulo: Companhia das Letras, 2015a. [Trabalho original publicado em 1916].
- FREUD, S. Estudos sobre a histeria. *In*: FREUD, S. **Obras Completas** (vol. 2). São Paulo: Companhia das Letras, 2016b [Trabalho original publicado em 1893].
- FREUD, S. Nota sobre o bloco mágico. *In*: FREUD, S. **Obras Completas** (vol.16). São Paulo: Companhia das Letras, 2016c [Trabalho original publicado em 1925].
- FREUD, S. O chiste e sua relação com o inconsciente. *In*: FREUD, S. **Obras Completas** (vol.7). São Paulo: Companhia das Letras, 2017. [Trabalho original publicado em 1905].
- FREUD, S. O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen. *In*: FREUD, S. **Obras Completas** (vol. 8). São Paulo: Companhia das Letras, 2015b. [Trabalho original publicado em 1907].
- FREUD, S. O escritor e a fantasia. *In*: FREUD, S. **Obras Completas** (vol. 8). São Paulo: Companhia das Letras, 2015c. [Trabalho original publicado em 1908].
- FREUD, S. O inconsciente. *In*: FREUD, S. **Obras Completas** (vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras, 2015d. [Trabalho original publicado em 1915].
- FREUD, S. O interesse da psicanálise. *In*: FREUD, S. **Obras Completas** (vol. 11). São Paulo: Companhia das Letras, 2015e. [Trabalho original publicado em 1913].
- FREUD, S. O prêmio Goethe. *In*: FREUD, S. **Obras Completas** (vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras, 2016d [Trabalho original publicado em 1930].
- FREUD, S. **Projeto para uma psicologia científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. [Trabalho original publicado em 1950].
- FREUD, S. **Psicopatologia da vida cotidiana**. Porto Alegre: L&PM, 2018. [Trabalho original publicado em 1901].
- FREUD, S. Sobre a concepção das afasias. *In*: FREUD, S. **Obras Incompletas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. [Trabalho original publicado em 1891].
- FREUD, S. **Sobre a concepção das afasias**: um estudo crítico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- FREUD, S. Sobre o sentido antitético das palavras. *In*: FREUD, S. **Obras Completas** (vol. 9). São Paulo: Companhia das Letras, 2016b [Trabalho original publicado em 1910].
- 29 – Conexão Letras, Porto Alegre, v. 18, n. 29, p. 01 - 30, jan-jul. 2023. E-ISSN 2594-8962.  
DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2594-8962.132809>

- FREUD, S. Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia. *In*: FREUD, S. **Primeiras Publicações Psicanalíticas**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- FUKS, B. **Freud e a cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- GARCIA-ROZA, L.A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- GARCIA-ROZA, L.A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. vol.3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.
- GARCIA-ROZA, L.A. **Palavra e verdade na filosofia antiga e na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- GUERBER, H. **Greece and Rome**. London: Studio Editions, 1994.
- LACAN, J. **El seminario de Jacques Lacan-libro 3: las psicoses**. Buenos Aires: Paidós, 2009.
- LACAN, J. A Instância da letra no Inconsciente ou a razão desde Freud. *In*: LACAN, J. **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, 2017a.
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *In*: LACAN, J. **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, 2017b.
- LACAN, J. Seminário dobre a carta roubada. *In*: LACAN, J. **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, 2017c.
- LACAN, J. **RSI: O seminário**. [www.lacanempdf.com](http://www.lacanempdf.com), 1974.
- LAPLANCHE, J. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Ed Livraria Ltda. 2001.
- LONGO, L. **Linguagem e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- MASSON, J. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MILAN, B. **A força da palavra**. Rio de Janeiro: Record Editora, 1996.
- PASSOS, C. **Confluências - Crítica Literária e Psicanálise**. São Paulo: Edusp, 1995.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- SHAKESPEARE, W. **O Mercador de Veneza**. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- SHAKESPEARE, W. **Otelo, o mouro de Veneza**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- TAVARES, J. L. O laço de Eros entre a literatura e a psicanálise. **Jornal de Psicanálise**, v. 52, n. 97, p. 35-50, 2019.
- TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro, Editora DIFEL, 2020.

**Recebido em: 30/05/2023; Aceito em: 26/09/2023.**